

[DRAMATURGIA]

AD VICTORIAM

Fernando Loch

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana 

KAN
editora

**AD
VICTORIAM**

AD VICTORIAM

Fernando Loch

Copyright © Fernando Loch
ISBN 978-65-86198-47-8
Londrina – PR
1ª Edição

Editora Kan

COORDENAÇÃO EDITORIAL

ImagemPalavra

REVISÃO

Visualitá® Gestão em Design Estratégico

DIAGRAMAÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Loch, Fernando

Ad Victoriam / Fernando Loch. -- 1. ed. -- Londrina, PR : Editora Kan, 2025.

ISBN 978-65-86198-47-8

1. Teatro brasileiro I. Título.

25-274131

CDD-8869.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura brasileira B869.2

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



Rua José Giraldi, 115
Londrina – PR – CEP 86038-530
Telefone (43) 3334-3299
editorakan@gmail.com

PRÓLOGO I

O meu nome é Jonas. Eu nasci no interior do país, numa família de agricultores. Meus pais não sabiam ler e escrever, mas colocavam a mão na terra com muita força e temperança. A mesma terra escura que nos dava o alimento encalacrava nossas unhas, nossos pulmões, nosso olhar.

A vida no campo é dura. Trabalha-se muito, espera-se demais, vive-se pouco. O sonho deles era que minha vida não precisasse passar pelo julgamento da natureza. O sonho deles era que eu vivesse na cidade, onde a terra já está domada e não há barro nos pés.

Com muito esforço, fui para a cidade, estudei e consegui o meu primeiro emprego, numa fábrica. O cheiro de terra da minha infância havia sido substituído pelo cheiro da fuligem da minha juventude. Em comum, a sua capacidade de grudar na pele. Quando recebi o meu primeiro salário, meus pais ficaram muito orgulhosos. Eu estava muito feliz.

Mas a guerra começou.

Na época, eu não sabia por que ela havia começado. Os jornais, as rádios, todos os autofalantes do país diziam e repetiam que a nossa pátria amada havia sido atacada, que o nosso povo havia sido traído, que o nosso modo de vida estava ameaçado. O governo conclamava para que todos os jovens, que estivessem em condições, se alistassem imediatamente. A defesa da nação estava em nossas mãos.

Eu era jovem. Quando me alistei, meu peito estava cheio de coragem. Eu queria lutar por tudo o que havia conquistado, não só pelo grande território da nossa pátria, mas também pelo pequeno pedaço de terra dos meus pais. Eu queria lutar contra a injustiça que havia sido cometida contra nossa nação.

Confesso que quando fui enviado para a infantaria, a linha de frente do exército, fiquei aliviado. Não ia suportar um mero serviço burocrático. Meus sentimentos animais estavam

aflorados, eu queira lutar cara a cara com o inimigo. Eu queria usar as minhas duras mãos de filho da terra para bater no rosto do inimigo. Ver a própria terra expulsar o invasor, através do meu punho.

Mas a guerra, assim como a agricultura, exige paciência. Percebi que tanto o soldado quanto o agricultor dependem de uma força maior que eles próprios. Um depende da chuva e do sol e o outro depende dos generais e suas estratégias. Os dias dentro das trincheiras passam lentamente.

Por vez ou outra, os tiros e as explosões surgiam. Meu coração idealista pulsava. Eu queria ver o rosto do inimigo, mas tudo o que via eram capacetes e uniformes com as cores do adversário. Eram apenas alvos. Nós atirávamos neles e nos escondíamos. Era a vez deles atirarem em nós. Um ciclo infinito que durava alguns minutos.

Foi num dia chuvoso, entretanto, que a minha vida mudou. Até aquele momento, eu me sentia invencível e entediado. Alguns colegas haviam tombado, mas eu continuava na minha rotina de esperar-esperar-esperar-atirar-recarregar-esperar-esperar-esperar.

Tudo aconteceu muito rápido. Eu estava sentado, com as costas na trincheira, conversando sobre coisas banais com colegas quando escutei o barulho de algo cair próximo. Eu olhei e vi uma granada no chão. Por um segundo, sem me mover, pensei no que fazer, até que, no segundo seguinte, saltei na direção contrária. Meus colegas levaram um segundo a mais para decidir o que fazer e só se moveram no terceiro segundo. O mesmo segundo que a granada explodiu.

Não senti dor na hora. Apenas o barulho. Um barulho que parecia não existir. Um barulho quente. Um barulho doloroso. Um barulho que deslocou o ar, me derrubando. Eu estava atordoado, ouvia apenas um sino agudo e permanente no meu cérebro. Tentei me levantar, mas o sino parecia me desequilibrar. Eu não conseguia ficar em pé. A terra parecia me chamar para um abraço. Olhei para trás. Meus companheiros

estavam deitados, imóveis. Havia sucumbido ao abraço da terra, seus rostos estavam colados ao chão.

Eu havia conhecido aqueles homens na fila do alistamento. Não que eles fossem meus melhores amigos, mas eu conhecia a história de cada um. Sabia o que um gostava de comer e o que o outro não gostava. Sabia que um tinha uma namorada e que o outro se lamentava por ser muito tímido e nunca ter tido uma. Sabia que um lutava para defender o seu país e outro porque estava desempregado.

Não eram meus amigos. Eram meus colegas. Mas, de qualquer forma, era muito estranho e dava pena ver os dois ali imóveis, sendo engolidos pela terra.

Caí novamente. Não conseguia ficar em pé. Pensei que, em breve, nós três estaríamos em algum lugar juntos. Eu não sentia dor. Apenas escutava o sino. Eu estava no chão, de barriga para cima, sem conseguir me mexer direito. Vulnerável como uma tartaruga ficaria se estivesse na mesma posição. Os segundos pareciam horas.

Foi então que pela primeira vez vi o inimigo. Ele correu na direção dos meus colegas imóveis, o rifle em punho, ainda não havia me visto. Viu os dois corpos no chão, mas parecia não saber o que fazer. Ele virou o rosto para o lado, como quem não quer ver, e disparou um tiro em cada um. Os dois corpos se mexeram quando receberam os tiros. Pensei que talvez eles não tivessem morrido na explosão e me senti patético por parecer um homem bêbado a assistir seus companheiros serem mortos sem nem ao menos conseguir ficar em pé.

O soldado então me viu e ficou surpreso por não ter me visto antes. Provavelmente agradeceu à própria sorte por eu não estar com uma arma em punho. Eu estava rodopiando, com as costas no chão, tentando me colocar em posição menos esdrúxula. Ele veio em minha direção, em um passo regular, enquanto engatilhava seu rifle.

Pensei que teria o mesmo destino que os meus colegas. Eu não o culpava por isso. No seu olhar não havia ódio, nem

maldade. Ele me via como um alvo e não como um homem. Minha vida em sacrifício à nação. Ele apontou o cano para o meu rosto. Olhando de baixo para cima, o rifle parecia gigantesco. Eu não sentia e não sentiria dor. Agradei o meu destino. Morreria na terra, defendendo a terra, meu sangue a se misturar à terra.

ATO 1

Conflito Liberta x Novásia chega ao fim!

Armistício encerra uma das disputas mais sangrentas dos anos 1980.

EUA afirmam que a liberdade novasiana venceu! URSS consideram uma vitória do povo de Liberta!

Saldo da guerra: milhares de mortos e nenhuma fronteira alterada!

Vizinhos sul-americanos veem o cessar-fogo com desconfiança.

Rebeldes perdem força, mas devem continuar ativos dentro do território novasiano!

A cena se passa em um bar.

Saulo – Jonas! Grande Jonas! Quanto tempo!

Jonas – Saulo! Tudo bem?

Saulo – Bem! Muito bem! E você?

Jonas – Bem.

Saulo – E então? O que tem feito? Faz uns... Acho que faz mais de um ano que não nos vemos.

Jonas – Nada de novo. Tenho trabalhado bastante. E você?

Saulo – Tenho trabalhado bastante também. Você está bem? Parece cansado.

Jonas – Não é nada. Apenas um pouco cansado mesmo.

Saulo – Ok. Alguma namorada?

Jonas – Não. Não. Quero dizer. Até estava saindo com uma amiga, mas... Sei lá. No começo estava bom, mas depois achamos melhor terminar. Ainda que a gente nem tivesse começado. E a sua esposa?

Saulo – Está bem. Está em casa cuidando do nosso filho. Ela estava procurando trabalho, mas está bem complicada a situação, né? Quando aparece alguma coisa, é para ganhar muito pouco. Vale mais a pena ela ficar em casa mesmo, cuidando do pequeno.

Jonas – E ele, como está?

Saulo – Não para de crescer! Cada dia que passa está maior e mais esperto. Eu queria brincar mais com ele, mas não tenho muito jeito com criança pequena não. Acho que quando ele for mais velho, vamos nos entender melhor.

Jonas – Te entendo. Eu também. Definitivamente não tenho o menor jeito com crianças.

Saulo – Tenho uma inveja desgraçada daquelas pessoas que tem o tal do "jeito", sabe? Acho que é uma coisa que você nasce com. Não tem muito como aprender.

Jonas – Isso mesmo. Penso a mesma coisa. Não consigo de jeito nenhum me enxergar como pai.

Saulo – Não se preocupe com isso. Essa coisa meio que flui na hora, sabe? Talvez você não seja o “o melhor pai do mundo”, mas vai ser um bom pai. Você é um bom negociador. Isso é uma qualidade bem importante, sabia? Mas, é claro, primeiro você precisa encontrar a mãe.

Jonas – Mãe?

Saulo – Sim. A mãe dos seus filhos.

Jonas – Muito engraçado! Sem pressa. Sem pressa. Estou bem sozinho.

Saulo – Se você diz. Jonas – E o seu trabalho? Saulo – Meu trabalho?

Jonas – Sim. Imagino que as coisas devem estar bem tensas, não?

Saulo – É. Um pouco. Bastante na verdade.

Jonas – Se você não quiser ou se não pode falar sobre isso... Saulo – Sim. Tem algumas coisas que eu não posso te falar. Jonas – As coisas não são mais como antes?

Saulo – É. Realmente. As coisas mudaram. É difícil de explicar.

Jonas – Acho que te entendo. Eu também tenho um sentimento parecido. Não sei se foram as coisas que mudaram ou se fui eu que mudei.

Saulo – Isso! É mais ou menos isso. Eu... Sabe...Tenho visto muitas coisas que não deveriam ser do jeito que são.

Jonas – “Do jeito que são?”.

Saulo – É! As coisas não parecem tão certas quanto pareciam antes. Ou, pelo menos, o quanto me parecia antes.

Jonas – Acho que te entendo.

Saulo – Você tem o mesmo sentimento?

Jonas – Tenho alguns questionamentos, sim. Mas acho que é normal.

Saulo – Não são questionamentos. São coisas reais, concretas. Vejo muita coisa errada. Não era para ser assim. Tem muita coisa acontecendo por trás das paredes e as pessoas nem desconfiam. Ou, talvez, nem queiram desconfiar.

Jonas – Veja bem. Nenhum governo foi ou vai ser perfeito. Falar é fácil, fazer é difícil.

Saulo – Sim! Mas o povo não sabe disso, não é? As pessoas são muito ignorantes. Acham que as coisas são do jeito que eles falam, que eles discursam. É ridículo! É a mesma coisa que acreditar em Papai Noel.

Jonas – De fato.

Saulo – Não! Pior que isso! E essas pessoas que têm o retrato deles em cima da mesa de jantar? Amigo, preciso confessar. Isso é o que mais me deixa putado. Você tá ali comendo e aquele imbecil pendurado na parede: perfeito, cabelo arrumado, faixa presidencial, sorrindo. Sorrindo do que, Jonas? Do que ele está sorrindo?

Jonas – Não sei. Me diga.

Saulo – Sorrindo do idiota que está comendo a sobra do almoço no jantar enquanto ele, com certeza, não está comendo sobra! Deve estar comendo caviar, lagosta, sei lá!

Jonas – Saulo. Fale mais baixo.

Saulo – Desculpe. Eu preciso desabafar às vezes.

Jonas – Sou seu amigo, mas também sou um funcionário do governo. Nós somos funcionários do governo.

Saulo – Nossa! Que bonito isso. Pare! Vai dizer que você ainda acredita?

Jonas – Não é uma questão de acreditar. É uma questão de fazer a sua parte.

Saulo – (*pensativo*). Se aparecesse na sua frente, a possibilidade de você ganhar muito, muito dinheiro! Se você pudesse ganhar muito de uma só vez e você tivesse certeza de que nunca seria pego. E que também não fosse prejudicar ninguém. E que poderia fugir para outro lugar sem problemas. Digamos que fosse... Um fundo perdido do governo. O que você faria?

Jonas – Isso não existe!

Saulo – É só uma ideia. Melhor. Você soltaria um assassino se ele pudesse curar a incurável doença de sua mãe?

Jonas – Isso que você diz são coisas, são situações que não existem.

Saulo – São apenas ideias, como eu te disse. Apenas responda.

Jonas – Eu não sei o que eu faria. É isso que você quer ouvir?

Saulo – Se você pudesse matar um assassino, uma pessoa má, realmente má. Você mataria?

Jonas – Matamos pessoas na guerra, lembra-se?

Saulo – Não é disso que estou falando. Ninguém mata ninguém na guerra. É questão de sobrevivência. Não são homens, são alvos. Estou falando hoje! Aqui! Se você tivesse que optar entre matar um homem mau e não ter que pagar por isso, ou deixá-lo ir sabendo que ele não seria punido pela justiça. O que você faria?

Jonas – Saulo, você quer me dizer alguma coisa?

Saulo – Apenas responda!

Jonas – Saulo, um prisioneiro denunciou você!

Saulo – O quê?

Jonas – Um prisioneiro denunciou você. Ele está envolvido na morte do Coronel Wagner. Disse que foi você que passou os dados da rota que o Coronel fazia. O carro, os horários, tudo.

Saulo – Não! Capaz... Você não acha isso, não?

Jonas – Você trabalha na logística. Você tem acesso a informações desse tipo, não?

Saulo – Sim. Quer dizer... Tenho. Mas você não acha...

Jonas – Não estou te acusando de nada. Só estou falando o que descobri.

Saulo – Eu salvei tua vida, homem! Eu poderia ter simplesmente batido em retirada. Lembre-se disso! Mas eu voltei e matei um homem com minhas próprias mãos para te salvar.

Jonas – Achei que eram apenas alvos.

Saulo – Seu ingrato! O que é isso?

Jonas – Sou teu amigo. Apenas me conte como uma informação que você tinha foi parar nas mãos dos rebeldes. Me conte por que um deles falaria seu nome. Quero te ajudar.

Saulo – Eu sei lá!

Jonas – O que você fez?

Saulo – Você é meu amigo? De verdade?

Jonas – Sou.

Saulo – O Coronel. Você deve saber. Ele era um torturador! Dos piores! Ele mereceu.

Jonas – O que está me dizendo?

Saulo – Sabe o que te perguntei antes? Sobre matar um homem mau? Eu tive essa chance.

Jonas – Você o entregou?

Saulo – O mundo é bem melhor agora.

Jonas – Meu Deus, Saulo! O que mais você anda fazendo?

Saulo – É isso. Só isso.

Jonas – Vamos. Me conte!

Saulo – É um interrogatório agora?

Jonas – Escute, antes de vir aqui, eu fiz uma longa pesquisa sobre seu trabalho. Comparei uns relatórios e descobri que deveria haver mais armas do que realmente existem em alguns depósitos que estão sob a sua responsabilidade.

Saulo – Não! Você não fez isso! Eu sou seu amigo!

Jonas – Sou. Então me explique o que está acontecendo. Agora!

Saulo – Fui pego, então?

Jonas – Talvez.

Saulo – Somos homens bons, não somos? Mas não estamos mais do lado certo, Jonas. Ou melhor, nem sei qual é o lado certo. Só sei que não é o nosso. Ganhei essa medalha por ter te salvado. É de prata! Deve valer uma graninha boa. Não muito, mas o suficiente para alimentar uma família por alguns dias. Tem gente passando fome e gastam dinheiro com isso! Só para mostrar para os outros como fui corajoso.

Jonas – Eu só estou aqui hoje por causa disso. Mais do

que isso. Você sempre foi um exemplo para mim. Um herói de verdade. Mas, agora, eu preciso que você...

Saulo – Herói?! Que piada! Qualquer um faria o que fiz. Eu estava cheio de adrenalina no corpo. Aquilo foi fácil. Não tive que pensar. Difícil é quando temos que pensar nas nossas escolhas.

Jonas – Que escolha você fez?

Saulo – Essa mesmo que você está pensando.

Jonas – Então você realmente está ajudando os rebeldes?

Saulo – Não sei quem mais sabe o que você descobriu. E não sei se posso te pedir isso. Mas pode me dar um tempo para...

Jonas – Fugir?

Saulo – Olha. Se você não concorda, ok. Não quero discutir isso. Só queria ter uma chance.

Jonas – Você é cúmplice num assassinato. Sabe o que está me pedido?

Saulo – Ele era um homem mau!

Jonas – Só o que posso dizer é que estou decepcionado. Estou muito, muito triste!

Saulo – O que vai fazer?

Jonas – Não é o que eu vou fazer, é o que eu preciso fazer!

Saulo – Você não precisa fazer nada, Jonas! Ninguém precisa fazer nada que não queira!

Jonas – Não é bem assim.

Saulo – Pense bem! Você ainda pode escolher o certo.

Jonas – Cale-se!

Passam-se alguns segundos de silêncio.

Jonas – Saulo, como você mesmo disse, são escolhas. Eu fiz a minha. Espero que esteja em paz com a sua.

Jonas se levanta da mesa, vira as costas e sai. Saulo se levanta e vai atrás dele. Dois homens surgem e rapidamente dominam Saulo e o levam para a direção contrária. Antes de sair de cena, ele ainda consegue gritar para Jonas.

Saulo – Está tudo errado, Jonas! Está tudo errado!

ATO 2

Numa estação de metrô, Jonas caminha sozinho em direção a um banco. Ele senta-se, olha as horas no relógio, fecha o casaco e coloca as mãos nos bolsos. Após alguns instantes, uma mulher surge andando apressadamente. O som de um trem começando a se mover rompe o ar. A mulher começa a correr, mas logo desiste. Após olhar o trem perdido se distanciar, ela senta no mesmo banco que Jonas.

Mulher – *(indignada)* Ele saiu dois minutos adiantado!

Jonas não fala, apenas concorda com a cabeça.

Mulher – Certamente estava com pressa de ir pra casa. E agora quem vai chegar tarde em casa sou eu!

Jonas novamente apenas concorda com a cabeça.

Mulher – Qual o problema das pessoas hoje em dia? Qual a dificuldade em se fazer bem feito o seu trabalho?

Jonas – Lamento, senhora.

Mulher – Era bem o que eu precisava para fechar o meu dia!

Silêncio. Após alguns instantes surge o som de um trem chegando.

Jonas – Pelo menos o meu trem está no horário. Lamento que tenha perdido o seu trem. Boa noite *(caminha em direção ao embarque)*.

Mulher – Com assim? Vai me deixar sozinha aqui na estação?

Jonas – Senhora...

Mulher – O senhor não é soldado?

Jonas – Sim. Sou um soldado.

Mulher – Sua função não é proteger o país?

Jonas – *(sorri)* Sim. Mas de uma forma diferente.

Mulher – Esta região é muito perigosa neste horário. Você não deve proteger as pessoas?

O som é de um trem parando e de suas portas abrindo.

Jonas fica parado, olhando para baixo. As portas se fecham e o trem parte. Jonas ainda parado por alguns instantes. A mulher parece agora estar incomodada com suas próprias palavras.

Mulher – Sim. Claro. Sei que esse não é exatamente o seu trabalho.

Jonas – Não! Você está certa.

Mulher – Talvez eu tenha exagerado. Lamento, senhor! É que eu tive um dia bem difícil hoje.

Jonas – Tudo bem. Eu... Nós! Nós deveríamos realmente nos preocupar mais com as pessoas.

Mulher – Desculpe. Espero que aquele não tenha sido o último trem da sua linha.

Jonas – Não era. Ainda tem mais um, que passa daqui uma hora mais ou menos.

Silêncio por alguns instantes.

Jonas – Teve um dia difícil, então?

Mulher – Sim. O trabalho hoje foi complicado. Não que eu esteja reclamando. Sou muito grata por ter um trabalho pra ir amanhã. Mas hoje foi cansativo. O senhor também estava trabalhando?

Jonas – Sim.

Mulher – O que os soldados fazem quando não há uma guerra?

Jonas – Várias coisas.

Mulher – Isso com certeza. Boa parte dos impostos vai para o Exército.

Jonas – A senhora é bem informada.

Mulher – Mas o que o senhor faz, mais exatamente?

Jonas – A senhora está fazendo perguntas indiscretas.

Mulher – (*surpresa*) Desculpe! Você tem razão. Como disse, não estou bem hoje.

Jonas – O Exército é como uma grande empresa. Tem vários setores que são os mesmos das empresas civis. Tem o setor administrativo, financeiro, logístico. Eu sou apenas mais

uma peça no meio da engrenagem.

Mulher – A diferença é que o seu único cliente é o governo.

Jonas – É o país, na verdade.

Mulher – Desculpe-me, mas como “o” país dá ordens para vocês?

Jonas – Através do governo.

Mulher – Então...

Jonas – Então o quê?

Mulher – E como você sabe que o governo está repassando os verdadeiros interesses do país?

Jonas – A senhora realmente gosta de fazer perguntas... interessantes! (*didático*) Que eu saiba, o governo é a representação do povo e responde pelas vontades e interesses desse mesmo povo.

Mulher – Sim! Eu me lembro disso da escola. Eu adorava estudar história e filosofia. Queria muito ter ido pra universidade estudar sobre política e essas coisas. Mas parece que “o país” ainda não está preparado para ver senhoritas na universidade.

Jonas – É que geralmente as mulheres não gostam dessas coisas.

Mulher – Eu sou uma mulher e gosto.

Jonas – De fato. A senhora... (*corrigindo*) Senhorita é uma mulher muito curiosa.

Mulher – Curioso é o senhor que não percebeu que seu chefe é o governo, mas não necessariamente o seu país.

Jonas – Senhorita, eu sugiro que guarde para si essas palavras. Outra pessoa poderia te achar uma pessoa meio... subversiva.

Mulher – Você acha isso?

Jonas – Não, eu não acho.

Mulher – Acha que faço parte dos rebeldes?

Jonas – Não! Como eu disse antes, acho apenas que você é muito curiosa. Só isso.

Mulher – Como pode ter certeza disso?

Jonas – Porque esse é o meu trabalho. Parece que o seu trem está vindo.

Mulher – Sim. É o meu trem. Ele está adiantado! Que bom! Jonas – Quando a falha nos beneficia, não tem problema, não é? Mulher – O senhor não desiste mesmo, não?

O trem chega e abre suas portas.

Jonas – Acho que a minha função foi cumprida agora. *(hesita)* Terei o prazer de discutir política de novo com a senhorita?

Mulher – Há uma chance. Se eu perder o trem amanhã de novo. Meu nome é Maria Helena.

Jonas – Eu sou Jonas.

Mulher – Até logo, soldado Jonas. Espero que seu trem não demore.

O trem parte. Jonas olha o trem partir por alguns instantes e fala sozinho.

Jonas – Na verdade, Senhorita, aquele era o último trem. *(fecha o casaco)* A caminhada vai ser longa. Mas é pelo meu país.

Jonas sai de cena.

ATO 3

Pesadelo de Jonas: cena surreal com luzes e sons de guerra. Ele está deitado numa cama mexendo incontrolavelmente seu corpo. Seus movimentos acordam a Maria Helena, que está ao seu lado.

Maria Helena – Meu bem! Jonas! Jonas! Acorda!

Ele continua a se mexer.

Maria Helena – É um pesadelo! Acorda!

Ele acorda assustado. Sua respiração é forte.

Maria Helena – Foi só um pesadelo! Calma. Eu estou aqui. Beba um pouco de água!

Jonas – Que horas são?

Maria Helena – Acho que você devia ir ao médico.

Jonas – Que horas são?

Maria Helena – Relaxe. Você está de folga hoje, lembra?

Jonas – *(muito ríspido)* Que horas são?!

Maria Helena – São 5 para as 6.

Jonas percebe sua rispidez. Silêncio por alguns segundos.

Jonas – Me desculpe.

Maria Helena se levanta da cama.

Jonas – Aonde você vai?

Maria Helena – Trabalhar.

Jonas – Mas ainda não deu o horário.

Maria Helena – Vai despertar daqui 15 minutos. Já acordei mesmo.

Jonas – Isso vai passar.

Maria Helena – Por favor, Amor. Vá ao médico. Ele pode te ajudar.

Jonas – Ah, sim! Vai me dar um sedativo e vai ficar tudo bem.

Maria Helena – Você pode conversar com ele.

Jonas – Conversar o quê?

Maria Helena – Os pesadelos voltaram desde que você descobriu que ia ser pai.

Jonas – Sim. É só algo envolvido com a paternidade.

Maria Helena – Talvez. Mas também acho que pode ser algo mais profundo aí dentro.

Jonas – Como assim?

Maria Helena – Alguma coisa daquela época.

Jonas – Sim. É isso. Vai passar.

Maria Helena – Olhe pra mim. Não importa o que você tenha feito, não importa.

Jonas – Não vamos falar disso agora.

Maria Helena – O que você fez. Você fez porque precisava fazer. Estávamos em guerra.

Jonas – Eu sei. Mas parece um julgamento que nunca termina.

Maria Helena – Quando as pessoas perguntam se você matou alguém na guerra, você sempre responde que não sabe bem ao certo. Você diz “provavelmente”.

Jonas – E...

Maria Helena – E eu imagino que você saiba sim se matou alguém. Você não tem culpa. Era o que te mandaram fazer.

Jonas – Maria, você não sabe. Você não tem nem noção disso. Apertar um gatilho qualquer idiota aperta, mas...

Maria Helena – Mas o quê? Pode falar. Se quiser. Se não quiser, tá tudo bem também.

Jonas – Eu me culpo por isso. Muito.

Maria Helena – Tá tudo bem.

Jonas – Eu tenho medo que Deus... Sei lá! Eu tenho medo que algo aconteça com o bebê. Eu tenho medo que exista algum tipo de justiça divina. Não sei. Ele só é uma semente e eu já o amo tanto.

Maria Helena – Tá tudo bem, Amor. É normal o que você sente. Já te falei. Era uma época diferente. Não se culpe. Você vai ser um excelente pai, sabia? Agora se deite de novo

e descanse. Você pode dormir mais. Eu vou tomar um banho e trabalhar.

Maria Helena sai de cena. Jonas se deita novamente na cama.

Maria Helena – (grito) Jonas!

Jonas – O que foi?

Maria Helena – Alguma coisa está errada (*mostra as mãos com sangue*).

Jonas – Meu Deus! Vamos para o hospital!

Os dois saem de cena. Jonas reaparece numa espécie de sala de espera.

Jonas – Isso não pode estar acontecendo! Isso não pode estar acontecendo! Mil perdões! Se quer punir alguém que me puna. Mas deixe minha família fora disso. Puna-me (*atira objetos*)! Puna-me! Eu mereço! Sei que mereço! Deixa minha família! Que culpa tem meu filho? Que culpa ele tem? Que culpa ele tem?

Um médico entra na sala e contém Jonas.

Médico – Senhor! Calma! Está tudo bem! Houve um deslocamento de placenta. Isso não é algo tão incomum no início da gravidez. Às vezes, o deslocamento ovular pode causar sangramentos.

Jonas – Ela vai ficar bem?! É isso?!

Médico – Sim. Ela só precisa ficar em repouso nos próximos dias. Depois, eu explico para o senhor os detalhes. Melhor você entrar.

Jonas – Obrigado. Obrigado.

Jonas entra no quarto. Maria Helena está deitada.

Jonas – Olá.

Maria Helena – Amor, vai tudo ficar bem.

Jonas – Sim. O médico falou para mim.

Maria Helena – Você precisa se acalmar. Eu preciso de você calmo.

Jonas – Eu sei. Mas eu preciso te contar uma coisa.

Maria Helena – Amor, você pode me contar outra hora.

Jonas – Não! Tem que ser agora! Eu tenho um peso. Agora entendi! Preciso me livrar desse peso.

Maria Helena – Se é importante pra você.

Jonas – Na guerra, eu morri. Quer dizer, eu cheguei a achar que ia morrer.

Maria Helena – Sim. Você já me contou isso.

Jonas – O que não te contei é que na hora que eu ia morrer. Um segundo antes. Um homem apareceu do nada e pulou nas costas do soldado que ia atirar em mim.

Maria Helena – Jonas, não precisamos falar disso agora.

Jonas – Não! Eu preciso! Esse homem me salvou! Depois eu o conheci e viramos bons amigos. Muito tempo depois ele cometeu um erro. E eu o denunciei. É isso! É um buraco aqui dentro, difícil de explicar, um buraco que fica me corroendo por dentro.

Maria Helena – Mas se ele cometeu um erro.

Jonas – Ele foi fuzilado! Por minha causa.

Maria Helena – Deus! Mas veja bem...

Jonas – Ele tinha uma família! Eu matei um pai!

Maria Helena – Calma. Ele cometeu um erro? É isso? O que ele fez?

Jonas – Ele estava envolvido com os rebeldes. Participou de um assassinato. Maria Helena – Mas, então, o que você quer ouvir? Você mesmo está dizendo. Jonas – Eu não sei.

Maria Helena – É difícil, imagino. Mas, amigo ou não, ele não precisava ter feito isso, precisava?

Jonas – Eu não sei.

Maria Helena – Veja o que ele fez. Você está me dizendo que ele era um assassino.

Jonas – Ele não era um assassino! Ele só foi cúmplice.

Maria Helena – Me desculpe! Mas ele cometeu um crime. O mais gravíssimo de todos os crimes. E você apenas fez o que era certo.

Jonas – Eu não sei se isso era realmente certo.

Maria Helena – Mas é claro que era certo! Você estava

cumprindo seu trabalho, imagino?

Jonas – Sim.

Maria Helena – Então, amor. Era certo e acabou. Ponto final!

Jonas – Eu não sei mais o que é certo. As coisas não são tão simples assim. Não existe um certo e um errado. Hoje eu sei.

Maria Helena – Isso é sinal que você está amadurecendo. Você não pode se condenar de algo que hoje você faria diferente. Até porque isso que você está me contando não tem muito como agir diferente, tem? Se era o seu trabalho e você não fizesse o que fez, ia ser tão cúmplice quanto ele.

Jonas – Sim.

Maria Helena – Então, pare com isso! Imagino que deva ter sido difícil. Mas agora acabou. Acabou. Acabou.

Jonas – Ok. Você ainda acha que... Estamos bem?

Maria Helena – Claro! Nunca pensei diferente. Se é isso que você precisa para tapar esse buraco aí dentro, então está tudo certo.

Jonas – Obrigado!

Se abraçam...

ATO 4

Alemães começam a demolir o muro de Berlim!

Após 30 anos, Novásia finalmente terá eleições diretas!
Mandela recupera a liberdade!

Candidato a presidente novasiano, líder nas pesquisas,
promete abrir a economia.

Pinochet entrega o poder após 17 anos. Gorbatchov
renuncia e decreta o fim da URSS!

Forte crescimento econômico surpreende o mundo:
seria a Novásia o país do futuro?

Jonas e Maria Helena estão numa sala. Jonas lê um jornal.

Jonas – Inacreditável! Maria Helena – O quê? Jonas – Arafat e Rabin. Maria Helena – Rabin? Jonas – Deixa pra lá.

Maria Helena – Não, não! Me fale! Que mania essa sua!

Jonas – Mania? Que mania?

Maria Helena – De me menosprezar.

Jonas – Do que você tá falando?

Maria Helena – Acha que não sou capaz de entender o que se passa? Sei quem é Arafat. Só não sei quem é esse Rabin.

Jonas – Yitzhak Rabin. Primeiro Ministro de Israel.

Maria Helena – Ok. O que aconteceu?

Jonas – Ele e Arafat fizeram um acordo.

Maria Helena – Mas Arafat não é um terrorista?

Jonas – Sim! Quer dizer, não! É complicado.

Maria Helena – Você está me dizendo que Israel fez um acordo com um terrorista?

Jonas – Veja essa cena. (*mostra o jornal*) Rabin e Arafat apertando as mãos na Casa Branca. Posso dizer que vivi para ver isso. Um palestino e um israelense apertam as mãos em Washington. Talvez nem tudo esteja perdido.

Maria Helena – Então Arafat não é um terrorista? Como que os Estados Unidos estão aprovando isso?

Jonas – Não use esse termo! É complicado. Para Israel ele é, quer dizer, era um criminoso. Mas para os palestinos ele é um herói. É uma questão de ponto de vista.

Maria Helena – Ouvi falar que ele gostava de atirar mísseis sobre Israel.

Jonas – E você acha que Israel joga flores sobre a Palestina? Não seja ingênua, Maria. Já faz algum tempo que o Arafat foi para o campo da diplomacia. Eles brigam lá há milênios, mas estão tentando se acertar. Isso é bom para o mundo.

Maria Helena – Não me chame de ingênua! Enquanto você lê o seu jornal e se informa, eu geralmente estou tirando o

seu prato da mesa! Quem sabe se você ajudasse mais em casa.

Entra em cena uma mulher.

Diretora – Senhor Jonas, senhora Maria Helena, bom dia! Desculpe o atraso. Agradeço que vocês tenham vindo até aqui.

Maria Helena – Nós é que agradecemos o seu contato. O que Danilo aprontou desta vez?

Diretora – Bem, Danilo é um menino muito especial. Ele é uma criança muito dedicada. Gosta muito de ler. Mas as suas opiniões são muito fortes.

Maria Helena – E isso lá é um defeito? O que falta no mundo de hoje são justamente pessoas de opinião.

Diretora – Sim. É claro. O problema...

Maria Helena – Problema?!

Diretora – Desculpe! A questão é que ele gosta muito de expor o que acha das coisas. O “seu” ponto de vista. E, às vezes, ele se desentende com os colegas.

Jonas – Diretora, você vai nos desculpar, mas já sabemos disso. Não consigo entender por que o debate é um problema. São só palavras e eles são crianças. É normal que alguns possuam uma capacidade de argumentação melhor do que os outros.

Diretora – Hoje não foram só palavras. Durante a aula de história, não sei exatamente o que aconteceu, ele se desentendeu com um colega e acabaram brigando. Depois mais três alunos se envolveram na briga. O professor não conseguiu os separar. Enfim, foi uma grande bagunça. Um dos meninos abriu o supercílio e...

Maria Helena – Meu Deus! Como está Danilo? **Diretora** – Ele está bem. Só machucou a mão. **Jonas** – A mão?

Diretora – Sim. De tanto bater na cara do colega. Senhores pais, eu preciso que vocês peçam pra ele ser mais cuidadoso com o que diz.

Jonas – O quê?

Maria Helena – Você está falando para ficar quieto? Absurdo!

Diretora – Desta vez ele vai levar apenas uma advertência. Mas na próxima...

Maria Helena – Hã?! A senhora... Isso é uma ameaça?

Diretora – Isso é um alerta.

Jonas – Não estou acreditando nisso.

Maria Helena – Sabe de uma coisa? Sua escola não quer jovens, quer gado. Um atrás do outro, indo pro matadouro, sem reclamar.

Diretora – Não. Veja bem. É que existe um limite para o bom-senso.

Maria Helena – Vocês não querem o debate! Vocês querem um bando de gente uniformizada porque é mais fácil de controlar.

Diretora – Não senhora. Nós sempre incentivamos o debate e o pensamento crítico, mas é que...

Jonas – A senhora sabe sobre o que eles estavam discutindo?!

Diretora – Isso não vem ao caso. O fato é que...

Jonas – Claro que vem ao caso! Vocês não incentivam o debate?

Diretora – Ok. Vou lhes falar. Eles estavam discutindo sobre a época dos militares. Parece que seu filho tinha uma opinião forte a respeito de algo e outro colega pensava o contrário. Eles discutiram e se empolgaram. Foi isso!

Maria Helena – Cheio de gente se matando por causa de... sei lá... futebol! Meu filho briga por um evento histórico e leva uma advertência?

Diretora – É que...

Maria Helena e Jonas se levantam.

Maria Helena – Ok. Ok. Não se preocupe senhora. Se houver algo parecido novamente, nós é que não vamos querer que nosso filho fique aqui. Eduque seus professores a educar, senhora! Eduque seus professores! Passar bem! Venha Jonas.

Maria Helena sai enfurecida. Jonas, por um momento, fica pateticamente sem saber o que fazer e vai atrás.

Jonas – São uns idiotas sim, mas não precisava ter comprado briga com a escola!

Maria Helena – Você sabe o que aconteceu, né? Ele estava te defendendo!

Jonas – Como sabe? Saí da porcaria do exército antes dele nascer.

Maria Helena – Mas ele vê as fotos, as medalhas. Ele tem o maior orgulho de você.

Jonas – Preferia que não tivesse. Se ele soubesse tudo o que nós fizemos. Vou conversar com ele!

Maria Helena – Não! Você vai falar para ele controlar a língua. Isso não é o certo! Eu vou conversar com ele! Ele tem o direito de pensar da maneira que ele quiser, ainda que a escola não goste e ponto final.

Jonas – Sim. Mas talvez...

Maria Helena – O mundo inteiro está se gabando de que nunca fomos tão livres quanto hoje. E meu filho não pode se expressar? Ele não está batendo em ninguém! Só está se expressando!

Jonas – Na verdade, ele bateu.

Maria Helena – Isso foi depois! Provavelmente nem foi ele que começou a briga.

Jonas – Talvez isso a gente pudesse perguntar pra diretora.

Maria Helena – E o que você acha que ela vai falar? Vai falar que foi ele que começou! E o Danilo vai falar que foi o outro menino que começou! E quer saber? Nunca vamos saber a verdade. E pouco importa isso!

Jonas – Ele acha que essa coisa de soldado é igual aos filmes. Ele acha que eu era forte, corajoso. Quase um super-herói.

Maria Helena – Isso é verdade. Por que mesmo vocês, homens, precisam tanto de heróis?

ATO 5

Mesmo após cessar-fogo, israelenses e palestinos voltam a se enfrentar em Gaza.

Desigualdade econômica volta a crescer na Novásia após anos em queda.

Supremacista branco assassina 50 muçulmanos na Nova Zelândia.

Pesquisa indica crescimento do nacionalismo na Novásia.

Maior atentado a tiros nos EUA mata 50 em boate gay. Tensão aumenta na fronteira Novásia-Liberta!

Onda conservadora se espalha pela América Latina.

O cenário é uma pequena loja de conveniências. Atrás do balcão, está Maria Helena com uma grande barriga. Um adolescente entra e começa a observar as mercadorias. Ele vai em direção à Maria Helena e, surpreendentemente, lhe aponta uma espécie de porrete.

Adolescente – (grita) O dinheiro! Já!

Maria Helena – Sim! Eu pego!

Maria pega um punhado de notas da caixa registradora e joga no balcão.

Adolescente – Só? Não tem mais? Não tem mais?!

Nesse momento, um jovem, Danilo, entra na loja. O ladrão não o vê e ele aproveita para lhe atacar pelas costas e o desarmar. Ele joga o adolescente no chão e então começa a chutar o oponente.

Danilo – (furioso) Desgraçado! Desgraçado!

Maria Helena – Pare, filho!

Danilo continua batendo.

Maria Helena – Filho, por favor, pare! Pare!

Danilo bate de modo descontrolado.

Maria Helena – (grita) Danilo!

Danilo para de bater e olha para sua mãe.

Maria Helena – Pare! Acabou!

Danilo – Mas mãe!

O adolescente aproveita o momento de distração de Danilo e sai correndo. Danilo ainda tenta correr atrás dele, mas não o alcança.

Maria Helena – Eu falei pare!

Danilo – Mãe! Você me distraiu!

Maria Helena – Eu falei para você parar!

Danilo – Eu ia encher ele de porrada!

Maria Helena – Chega de violência por hoje!

Danilo – Maldito!

Danilo dá vários socos em alguns produtos que estão numa estante.

Maria Helena – Calma, meu filho!

Danilo – Calma? Que calma, mãe? O desgraçado estava com o negócio apontado para você.

Maria Helena – Ele só queria o dinheiro. Acabou!

Danilo – Vai defender o vagabundo? Tá louca? Você grávida, um cara te aponta um porrete e tá tudo bem?

Maria Helena – Você está nervoso. Ok. Respire agora! Respire!

Mesmo contrariado, Danilo parece controlar a sua raiva.

Danilo – O mundo deste jeito e você, nessa idade, ainda resolve ter mais um filho?

Maria Helena – Não fui “eu” que resolvi, foi eu e seu pai e isso não vem ao caso!

Danilo – Acho que são essas porcarias que você está lendo.

Maria Helena – Do que você tá falando?

Danilo – Esses livros que você anda lendo. Reparei que você anda lendo um monte de livros. Deve ser isso que te deixou de coração mole.

Maria Helena – Que bobagem, Danilo. Que bobagem! *(pega o telefone)* Vou ligar pra polícia.

Danilo – Isso! Vai adiantar muito! Aproveita e liga pro conselho tutelar vir salvar o moleque!

Ela fica resignada e desiste da ligação.

Maria Helena – Mas você é um idiota mesmo! Igualzinho teu pai era. Só espero que evolua igual seu pai evoluiu.

Danilo – Ah, mãe! Papai nunca sabe de nada. Isso é ser evoluído?

Maria Helena – Não é que ele sabe de nada é que...

Danilo – *(debochado)* “é complicado”. É só isso que ele sabe falar! “Que as coisas são complicadas!” Na verdade, tem é medo de descer de cima do muro!

Maria Helena – Não! Seu pai só é bastante cuidadoso. Não se deixa levar pelo momento. Que é exatamente o que você deveria fazer agora.

Danilo – E por que você anda lendo tanto? Não é mais fácil perguntar lá para o “Sr. Sábio”?

Maria Helena – Não! Não é! Estou farta de ser chamada de ingênuas!

Danilo – Sei! Quer ter a “sua” opinião, então?

Maria Helena – Isso! Seu pai pode ser muito inteligente, mas não concordo com tudo o que ele fala!

Danilo – Não é o que parece. Você quase nunca o contradiz.

Maria Helena – Às vezes sinto que não sei como o contradizer e apenas respeito a opinião dele. Mas isto está mudando. Se você aparecesse mais em casa iria perceber.

Danilo – Ah, é? E por que não respeitou a “minha” opinião e me deixou encher aquele moleque de porrada?

Maria Helena – Ter uma opinião é uma coisa! Bater nas pessoas por causa dela é outra!

Danilo – Já não me bastava ter um pai filósofo. Pelo menos leia coisa decente, então!

Maria Helena – Fazer igual você? Que só lê o que sabe que vai gostar? Que só escuta o que quer escutar?

Danilo – Era só o que me faltava. Já tinha um pai covarde. E agora tenho uma mãe comunista.

Maria Helena – Não me venha você também me rotular!

Danilo – Normal. Todo comunista nunca assume que é comunista.

Maria Helena – Quer saber? Pode ir embora! Tô cansada desse papinho!

Danilo – Vai arrumar tudo sozinha?

Maria Helena – Isso é problema meu! A gente vai fechar a loja mesmo!

Danilo – Como assim?

Maria Helena – Teu pai não lhe disse? Vamos entregar o ponto. Ele recebeu uma proposta para trabalhar numa empresa que um colega lá dos tempos do exército abriu.

Danilo – Quer dizer que vão fechar a loja?

Maria Helena – Faz tempo que isso aqui só dá prejuízo! Agora pode ir embora!

Danilo – Vocês poderiam ter contado pra mim. Lamento.

Maria Helena – Não preciso do seu lamento! Preciso que você esteja mais presente! Agora vai!

Danilo – Mas mãe!

Maria Helena – Não me deixe mais nervosa ainda! Estou grávida! Seu pai deve estar chegando. Vai logo!

Danilo começa a falar algo, mas desiste, vira em direção à saída. Antes de sair, entretanto, fala para a mãe.

Danilo – Não se preocupe! Ano que vem tem eleição. As coisas vão melhorar.

PRÓLOGO II

Meu nome é Danilo. Eu nasci na capital. Minha mãe é uma mulher muito forte e trabalhadora. Desde muito cedo, ela queria ter um emprego e ser independente. Seus pais mal sabiam ler e escrever, mas ela adorava estudar. Aprendi com ela a defender o que eu achava que era certo e justo.

Meu pai é o meu exemplo. Veterano de guerra, ele deu o seu sangue pela nação. Quase perdeu a vida nas trincheiras, defendendo a terra de seus filhos. Quando a guerra acabou, ele seguiu no exército, caçando traidores, caçando terroristas. Mas quando eu nasci, ele pediu a sua dispensa. Ainda era muito jovem, mas a sua missão sagrada já havia sido cumprida.

No começo, não entendi porque meus pais, já longe de sua juventude, decidiram ter outro filho. Mas se antes de ele nascer eu não entendia, depois que ele nasceu eu entendi. Em meio ao caos que o mundo começava a mergulhar, aquela pequena alma inocente e indefesa necessitava de proteção. Entendi que um dia meu pai voltaria à terra, minha mãe voltaria à terra, eu voltaria à terra, mas ela nunca pararia de dar frutos. A terra é eterna, nós não. Essa seria a minha missão.

Foi então que a guerra começou.

Fazia muito tempo que Liberta tentava sabotar a nossa terra. O país financiava rebeldes, terroristas e assassinos para agirem em nosso território. Espalhavam boatos e ideologias, tentavam danificar nossos recursos naturais e prejudicar a nossa economia. Pude ver com os meus próprios olhos e sentir na própria pele os efeitos de suas atividades ladinas. O desemprego, a criminalidade e a corrupção na Novásia não paravam de crescer. Meus pais precisaram fechar sua pequena loja e, para garantir o sustento da casa, meu pai voltou a trabalhar enquanto minha mãe cuidava do pequeno Miguel.

O ataque surpresa de Liberta havia sido apenas o fim de um longo capítulo de provocações e inveja. Após a declaração de guerra, o governo conclamava para que todos os jovens,

que estivessem em condições, se alistassem imediatamente. A defesa da nação estava em nossas mãos.

Meus pais não queriam que eu lutasse. Eu até entendo o instinto protetor de minha mãe, mas fiquei um pouco surpreso com a reação de meu pai. Ele dizia que a guerra não era como eu imaginava que era. Eu o entendo. Ele estava cansado. Eu lutaria por ele.

Quando meu pequeno irmão me viu pela primeira vez fardado, eu tive a certeza que estava fazendo a coisa certa. Ele prestou continência e falou que quando crescesse também seria um soldado.

Foi essa a imagem que salvou a minha vida. Quando ainda no treinamento soube que meu joelho defeituoso não me permitiria correr pelo campo de batalha, me senti muito, muito frustrado. Eu queria expulsar o inimigo de minha terra com meus punhos, com meu próprio suor, com meu próprio sangue.

Chorei minha raiva.

Mas eu fui salvo. Lembrei de meu irmão. Lembrei de seu pequeno gesto. A imagem de uma pequena criança a bater continência. Eu seria o maior exemplo de resiliência que nossa terra poderia ter. Entendi que se a minha missão divina não era usar meus punhos, eu então usaria meu cérebro, meu raciocínio, minha alma que fosse.

A traiçoeira nação de Liberta cada vez mais avançava sobre o território de nossa amada Novásia. Mas eu seria incansável. Liberta ganhava cada vez mais batalhas. Mas eu seria imparável. Liberta cada vez mais se aproximava de nossa capital. Mas eu seria eterno. Nossa nação seria eterna.

Eu seria a semente. A semente a semear a resiliência da terra. A nossa terra. Ad Victoriam.

ATO 6

Maior conflito armado da América do Sul faz a sua milésima baixa.

Democratas ganham as eleições nos EUA com a promessa de retirar suas tropas da Novásia.

Países do Mercosul pedem ajuda externa para receber refugiados novasianos.

Liberta inicia bombardeios controlados sobre a capital da Novásia.

Apesar de manifestações populares, Rússia veta possível interferência da ONU.

“As prateleiras dos mercados estão vazias!”, Afirmam nossos correspondentes na capital.

Especialistas discutem: “Guerra pode estar perto do fim?”

O cenário é um bagunçado escritório. Dois homens trabalham em suas mesas.

Oscar – *(falando baixo)* Jonas... Jonas..

Jonas olha discretamente para o homem que lhe chamava. Ele se levanta e vai até o canto da sala onde há uma garrafa térmica e enche uma caneca com café. Jonas faz a mesma coisa.

Oscar – Eu consegui.

Jonas – Sêrio? **Oscar** – Sim. Aqui. **Jonas** – Isso é...

Oscar – É uma autorização especial autenticada e assinada pelo Ministro.

Jonas – Meu deus, **Oscar**!

Oscar – Sim!

Jonas – Como você...

Oscar – Não me pergunte! Tenho alguns contatos.

Jonas – Eu não posso.

Oscar – Não, não! Pode usar. Não tem como eles ligarem isso a mim. **Jonas** – Eu não sei o que dizer. Na verdade, nem sei se teria coragem. **Oscar** – Talvez seja o único caminho.

Jonas – Ok. Muito obrigado!

Oscar – Só tenha cuidado. Você não vai envolver seu filho, né? Tenho medo dele.

Jonas – Sim. Eu sei. É complicado. Não se preocupe. Mas, e você?

Oscar – Eu me viro. Meus filhos já estão mortos mesmo. Sozinho é mais fácil.

Jonas – Não sei o que falar para você, amigo.

Oscar – Não precisa falar nada. Agora é melhor voltar ao trabalho.

Jonas – Sim. Sim. Obrigado.

Em outro lugar, Danilo, com um uniforme militar, entra em uma sala onde está um velho oficial a olhar para um mapa.

Danilo – *(saudando)* Ad Victoriam!

Otto – Ad Victoriam! Pode se sentar. Tenente, vou lhe fazer uma pergunta e quero que seja extremamente sincero.

Danilo – Sim senhor!

Otto – Tenente, você ainda acha que vamos vencer a guerra?

Danilo – Sim senhor!

Otto – Tenente, você se lembra que falei para ser extremamente sincero?

Danilo – Sim!

Otto – (*gritando*) Então por que diabos o senhor não foi sincero? Refaça a sua resposta, com sinceridade, agora!

Danilo – Acredito senhor que (*hesita*) não vamos conseguir atingir os objetivos previamente traçados, mas não seremos derrotados, não senhor!

Otto – Como assim, Tenente? Explique-se!

Danilo – A derrota é relativa, senhor! Talvez nossa pátria perca, neste momento, territórios importantes. Mas ela nunca será vencida senhor! O nosso espírito guerreiro estará sempre presente! Vamos lutar até o fim! Se derrotados formos desta vez, nos levantaremos de novo amanhã e depois de amanhã e até que Deus nos permita de novo a vitória!

Otto – Um verdadeiro patriota. Sua lealdade me enche os olhos. Infelizmente as notícias não são boas.

Danilo – Nunca desistirei da minha terra, senhor!

Otto – O nosso comando estima que nós percamos a frente oeste em algumas semanas. Com isso, a linha de suprimentos para a nossa capital será definitivamente cortada. Talvez o inimigo pise em nossa capital até o fim do mês. Mas o General-Presidente tem um plano.

Danilo – Resistirei até o fim, senhor!

Otto – Nós vamos dar o inferno para esses malditos, senhor Tenente! Eles vão pisar aqui, mas nós vamos dar o inferno para eles! Vamos passar meses, anos que sejam, escondidos nas sombras, pegando um por um.

Danilo – O que precisa que eu faça, Coronel?

Otto – Eu preciso que o senhor me traga toda pessoa que tenha condição de lutar e ainda não tenha lutado. Não

me importa a idade, a religião, o diabo que seja, senhor! Se conseguir segurar uma arma, me traga!

Danilo – E os que não quiserem vir, senhor?

Otto – A pátria clamando por ajuda e fracos virando as costas? Use estes como exemplo! Faça o que for necessário! Aqui estão as ordens. Pode ir agora.

Danilo – Entendido, senhor!

Jonas entra em sua casa. Seu filho e sua esposa estão na mesa de jantar.

Jonas – Olá.

Maria Helena – Olá.

Jonas – Oi filho! Tudo bem na escola?

Miguel – Tudo.

Jonas – Como estão as coisas?

Maria Helena – Bem.

Jonas – Bem?

Maria Helena – Sim. Bem.

Jonas – Não parece.

Maria Helena – Não quero falar disso agora.

Jonas – Ok. Falamos depois.

Maria serve o prato de Miguel.

Miguel – Sopa de novo? Não quero sopa!

Maria Helena – Coma, menino! Não teste minha paciência hoje! **Jonas** – Ah! Quase me esqueci! Eu consegui um pão fresquinho. **Miguel** – Não quero pão! Quero carne!

Maria Helena – Não tem carne moleque! Não me provoque! Quer o pão que seu pai trouxe ou não?

Miguel – Mas...

Maria Helena – (grita) Sem mais! É isso e acabou!

Jonas – Tudo bem, filho. Eu corto pra você porque tá um pouquinho duro.

Jonas tenta de modo atrapalhado cortar o pão, mas não consegue.

Maria Helena – Me dê aqui!

Maria Helena arranca o pão e a faca de Jonas e começa

a cortar raivosamente o pão. Acaba cortando o próprio dedo sem querer. Miguel fica espantado com a cena.

Jonas – Preciso conversar com a sua mãe, Miguel. Vá para seu quarto!

Miguel se levanta e sai de cena.

Jonas – Machucou muito?

Maria Helena – Um pouco. Tá ardendo! Saco!

Jonas – O que aconteceu hoje?

Maria Helena – “O que aconteceu”? Sério? Você está mesmo me perguntando isso?

Jonas – Se eu soubesse, não estaria perguntando.

Maria Helena – O que vai acontecer conosco?

Jonas – A guerra ainda não está perdida.

Maria Helena – Como não? Você é burro, Jonas? Todo mundo sabe que essa guerra já acabou. É questão de tempo, agora.

Jonas – Não é bem assim!

Maria Helena – Quietos! Que barulho é esse?

Há um barulho crescente de algo metálico rasgando o ar que termina com uma explosão. A explosão é ensurdecedora, próxima, aterrorizante!

Maria Helena – (*gritando*) Parem com isso! Parem com isso!

Jonas – Meu bem, calma!

Maria Helena – Calma como? Calma como?

Jonas – Não somos os alvos. Deve ser a refinaria. Está longe daqui.

Maria Helena – Longe?

Novamente o barulho!

Miguel – Mãe! Tô com medo, mãe!

Maria Helena – Volta pro teu quarto! Fica embaixo da cama!

Jonas – Tá tudo bem, filho! É longe daqui! Só parece perto!

Novo barulho! Ainda maior e mais próximo!

Maria Helena – (gritando) Parem com isso! Parem!

Jonas – Meu bem...

Novo barulho! O maior de todos! A casa treme! Maria cai no chão! Silêncio.

Miguel – Mãe! Pai!

Maria Helena – Cala a boca! Fica aí! Fica aí! Jonas – Tá tudo bem. Tá tudo bem. Parou. Parou. Maria Helena – Tô cansada disso!

Jonas – Isso vai acabar em breve.

Maria Helena – A gente não pode ficar fingindo que está tudo bem. Jonas – Sim. Sim. Quando essa guerra acabar, as coisas vão se acertar. Maria Helena – Como assim?

Jonas – Estão dizendo que alguns setores do governo já estão negociando com eles.

Maria Helena – Negociando o quê?

Jonas – Os termos de rendição. Logo vai acabar.

Maria Helena – É isso que eu tenho medo.

Jonas – Por quê?

Maria Helena – Hoje a polícia levou uma vizinha nossa.

Jonas – Levou como?

Maria Helena – Ela foi acusada de traição, não sei direito. Não falaram nada. Só chegaram e levaram ela. Você precisava ver a cara dela. Ela não tinha ideia do que estava acontecendo. Dizem que foi fuzilada. Estão fuzilando pessoas! Ela era só uma senhorinha.

Jonas – Estamos bem na pior parte. Só precisamos aguentar um pouco. Respirar.

Maria Helena – Você caçava rebeldes, Jonas. O que acha que vai acontecer com você?

Jonas – Isso foi há muito tempo atrás.

Maria Helena – Sim. Agora você trabalha para uma empresa que está a serviço do exército! Ajuda muito!

Jonas – A mídia, o mundo inteiro está nos observando. Eles não vão querer passar dos limites e...

Maria Helena – Ah! Sim! Agora você fala isso. Depois a ingênua sou eu. A mulher ignorante.

Jonas – Eu nunca falei isso!

Maria Helena – Você que é ingênuo! Vai me dizer que o mundo realmente se importa com o que está acontecendo lá nas bananeiras da América do Sul? Não estão nem aí pra isso! Se um saudita tropeça e o petróleo sobe, isso sim é uma desgraça! Não seja burro!

Jonas – Não é exatamente assim. Uma capa de jornal com um monte de gente morta não ia ajudar nem os democratas e nem os...

Maria Helena – Tem gente como a gente morrendo a alguns quilômetros daqui e a gente está discutindo política?

Jonas – Não é política é...

Maria Helena – Cala a boca! Eu não aguento mais! Não aguento mais! Direita, esquerda, pouco importa essa porcaria! Olha o que isso fez com a gente. Olha o que isso fez com nosso filho! Como que a gente chegou nisso?

Jonas – Historicamente...

Maria Helena – Historicamente é a gente que morre! Eu tô cansada desse papinho de vocês! Desses joguinhos de vocês! Dessas porcarias que vocês inventam. Desses ídolos, desses líderes que vocês tanto admiram. Desta terra que você tanto se orgulha. Não percebe, Jonas?

Jonas – O quê?

Maria Helena – Que terra é terra. Pode ser mais ou menos fértil, mas ela é sempre terra. Em qualquer outro lugar do mundo ela é terra. Mas em todos os países, sempre vai ter um idiota como você, que acha que a sua terra é mais importante do que a dos outros.

Jonas – É um pouco mais complicado do que isso.

Maria Helena – Não. Na verdade, é bem simples mesmo! Na teoria, todas as formas de governo funcionam. Na teoria, é tudo lindo e maravilhoso. Todo mundo é perfeito. Você já percebeu? Não, Jonas! Você nunca percebeu! Ninguém

percebeu! Porque todos vocês são uns idiotas! Só querem saber da sua terra. Se acham especiais, guerreiros, machos, fortes! Mas vocês são todos peões a serviço de um rei!

Jonas – Ah! Que lindo isso Maria! E o que você sugere?

Maria Helena – A revolução tem que vir de dentro pra fora, Jonas. De dentro pra fora. Daqui (*aponta para o peito*) para fora!

Jonas – Bem que eu queria que fosse simples assim. Bem que eu queria.

Maria Helena – Que se dane o que você queria!

Silêncio. Maria Helena se acalma. É possível escutar latidos, sirenes e chamadas ao fundo.

Maria Helena – (*mais calma*) Devo estar falando bobagem mesmo. Você tem razão.

Miguel – Mãe!

Maria Helena – Eu só queria fugir disso tudo. Eu só queria sumir.

Miguel – Mãe! Vem aqui!

Maria Helena – Mas não tem como a gente ir embora, né?

Maria se levanta e vai até o cômodo onde está Miguel. Ela o abraça e o balança amorosamente. Depois de alguns instantes, ele dorme. Ela o coloca na cama e volta para a sala.

Maria Helena – Queria ter essa capacidade que eles têm de dormir em qualquer circunstância.

Jonas – Você falou de fugir. Mas e o seu outro filho?

Maria Helena – Outro filho? Adoro quando você fala assim. Parece que fiz sozinha.

Jonas – Achei que você estava mais calma. Deixe.

Maria Helena – Não! Deixe o quê?

Jonas – E o nosso outro filho? Nós íamos levar ele com a gente?

Maria Helena – Não sei. Pergunte a ele! **Jonas** – Qual você acha que seria a resposta? **Maria Helena** – Eu não sei.

Jonas – Sabe sim!

Maria Helena – Ele jamais iria. Bem, pouco importa isso também.

Jonas – Talvez a gente pudesse ir embora mesmo.

Maria Helena – Como assim?

Jonas – É que eu consegui uma...

Maria Helena – Fala logo!

Jonas – Eu consegui uma autorização especial para sair do país.

Maria Helena – Como assim?!

Jonas – A gente sairia em um avião com bandeira da Cruz Vermelha. Eles são obrigados a dar salvo-conduto para esse tipo de coisa.

Maria Helena – Sério? Nós todos iríamos?

Jonas – Sim. Esse voo tem o mesmo status de uma missão diplomática.

Maria Helena – Para onde o avião vai?

Jonas – Inglaterra. Chegando lá nós poderíamos pedir status de refugiados e... sei lá! Não sei se tenho coragem para isso. É muito surreal.

Maria Helena – Amor... Talvez seja a nossa salvação.

Jonas – Mas largar tudo aqui?

Maria Helena – Largar o quê? A gente tem essa casa. Isso enquanto ela ainda está de pé. Amanhã a gente não sabe.

Jonas – Dá um frio na barriga só de pensar.

Maria Helena – Têm mísseis cruzando o ar em cima da gente e você está com medo disso?

Jonas – Eu não sei. É muita loucura. O voo sai amanhã.

Maria Helena – Loucura é ter essa oportunidade e ficar aqui. Os nossos inimigos não estão felizes com a gente. Pense nisso.

Jonas – E o nosso filho?

Maria Helena – Vai se adaptar.

Jonas – Falo do outro.

Maria Helena – Eu posso tentar falar com ele. Quem sabe?

Jonas – Maria! Me escute! Não vai adiantar falar com ele. O que você precisa é aceitar isso. Se nós vamos realmente fazer isso, sua consciência deve estar tranquila.

Maria Helena – Tranquila? Ele ainda é meu filho. Nosso filho, Jonas. Nosso! E a sua consciência, como está?

Jonas – Ele é um adulto. Tem controle sobre sua vida. É duro dizer isso, mas não há nada que se possa fazer. Me sinto culpado por um lado, mas, por outro, eu tenho que pensar no Miguel e em você.

Maria Helena – Sim. Mas pelo menos tenho que tentar falar com ele.

Jonas – Deus me perdoe, mas ele seria capaz de nos entregar. Por Miguel, resolva isso na sua cabeça. Se fugirmos, você paga o preço que a sua consciência vai cobrar?

Maria Helena – Mas eu preciso...

Jonas – Eu sei que você está pensando igual eu. Sim ou não?

Maria Helena – Sim.

ATO 7

Jonas, Maria e Miguel estão saindo apressados de casa levando malas. Pouco antes de chegarem na porta, Danilo surge por ela. O trio e Danilo param e se olham. Todos estão surpresos.

Danilo – Aonde vocês vão?

Jonas – Nós vamos para...

Maria Helena – Vamos nos abrigar na casa de sua tia. Os bombardeios aqui na capital estão ficando cada vez piores.

Danilo – Mentira! Eu sei que a tia faleceu mês passado.

Maria Helena – Filho, você deve ter ouvido errado. Ela estava doente, mas...

Jonas – *(interrompe)* A verdade é que nós vamos embora. Eu consegui uma autorização para deixar o país.

Danilo – Vocês? Minha própria família vai fugir?

Jonas – Sinto muito, filho. Acabou. O cerco está se fechando. Liberta está com sede de vingança. Todos sabemos o que eles têm feito com os prisioneiros. Preciso tirar seu irmão daqui.

Danilo – Pai, você não está consciente do que diz. Você deve estar doente.

Jonas – Não. Eu estou bem. Pelo menos, por enquanto.

Maria Helena – Venha com a gente, Danilo, seu irmão precisa de você.

Jonas – Nem continue! Te disse que não adiantaria falar com ele.

Maria Helena – Ele é nosso filho! Me deixe apenas tentar! *(para Danilo)* Essa guerra não faz mais sentido, nunca fez. Venha com a gente.

Danilo – Não posso, mãe.

Jonas – Sim. Ele é um bom soldado e tem um dever a cumprir. Conversamos sobre isso. Agora, vamos!

Danilo – O senhor também já foi um soldado, pai.

Esqueceu o teu juramento? Jonas – Sim. Eu fui. Mas hoje sou pai. Lamento. Diga adeus para seu irmão, Miguel. Miguel – Adeus, Danilo.

Maria Helena está transtornada, mas se deixa levar pelo braço de Jonas. O trio tenta alcançar a porta, mas Danilo, como uma barreira, se coloca entre eles e a saída.

Danilo – É triste ver o seu próprio pai virar as costas para seu país. Mas confesso que não esperava outra coisa de um velho inválido e infeliz como o senhor. Vou deixá-lo ir para cuidar da mamãe. Mas Miguel fica! Ele entende melhor do que você o que significa honra e lealdade, não é mesmo Miguel?

Miguel – Eu sei?

Jonas – Você está louco, Danilo! Vai levar uma criança para a guerra? Olhe para sua mãe! Olhe! Já lhe dói bastante perder um filho, ela não suportaria perder os dois!

Danilo – Ele não é mais uma criança! Estamos criando tropas especiais para jovens idealistas como ele. Venha, Miguel! É hora de realizar o sonho de ser um grande soldado.

Maria Helena – Tropas de crianças? O que você está me dizendo, Danilo?

Jonas – Não responda Miguel, ele só está brincando. Temos que ir! Adeus!

Jonas tenta abrir caminho por Danilo, mas este lhe empurra para trás e saca uma pistola.

Danilo – Solte-o.

Jonas – O que você está fazendo? Vai atirar no seu próprio pai em nome de sua amada pátria?

Maria Helena – Por favor, filho. Abaixe isso! Você quer ficar? Fique, mas seu irmão precisa vir conosco.

Danilo – Não, mamãe! É o sacrifício que separa os grandes homens dos homens medíocres. Venha Miguel, venha comigo!

Miguel – Mas, mas papai disse. Disse que...Desculpa, irmão! Tenho medo! Não quero mais ser um soldado!

Miguel abraça a mãe virando as costas para o irmão.

Danilo – O que você falou para ele seu velho covarde? O transformou num covarde também? Olhe nos meus olhos, Miguel. Não precisa ter medo.

Maria Helena – Danilo, Danilo. Pense no que você está fazendo! Pense!

Danilo ignora sua mãe e se abaixa para se aproximar do irmão. Jonas aproveita o momento de distração para pular sobre Danilo, tentando o desarmar. Ele deixa a arma cair e ambos rolam pelo chão em luta. Miguel se assusta e se abriga num canto, cobrindo a cabeça com os braços, sem saber o que fazer. A mãe assiste, transtornada e sem reação, a briga entre pai e filho. Danilo acaba em vantagem, montado sobre seu pai, que está deitado de barriga para cima. Danilo aperta o pescoço de Jonas com um braço ao mesmo tempo que, com o outro braço, tira uma faca do cinto.

Danilo – Velho idiota! No fundo, sempre soube que você era um traidor!

Jonas – Deus sabe que tentei te manter longe da guerra! Um filho matando um pai!

Danilo – Não é um filho matando um pai! É um puro matando um impuro!

Jonas está quase desfalecido, mas seus braços ainda conseguem atrasar os movimentos do filho.

Maria Helena – Chega! Pare com isso!

Maria Helena pula sobre as costas do filho, tentando o segurar. Com a mãe pendurada em suas costas, Danilo se levanta. Ele tenta se livrar dela com os braços, mas não consegue. Ele então usa o corpo inteiro para arremessá-la violentamente contra uma estante. Maria Helena sente o impacto enquanto o filho lhe aponta a faca.

Danilo – Fique aí! Fique aí!

Jonas tentava ficar em pé quando é atingido por um chute de Danilo. Jonas cai e seu filho novamente o monta.

Maria Helena – Filho! Pare! Por favor, pare!

Danilo – Sou um patriota de verdade! Nunca vou parar!

Ele levanta lentamente a faca para pegar impulso e golpear o pai.

Maria Helena – Sinto muito, Danilo! Seu pai já lhe disse. Dói muito perder um filho. *(pega a pistola de Danilo que havia caído no chão e aponta para ele)* Eu não ia suportar perder os dois.

Danilo – *(surpreso)* Mamãe?

Danilo é atingido por vários tiros e cai ao lado de seu pai, que, recuperando o fôlego, olha para a Maria surpreso. Miguel chora baixo. Maria Helena, com o olhar vazio e sem expressão, olha o corpo morto de seu filho.

Nenhum som exceto o choro da criança. Blackout.

EPÍLOGO

Enfim a paz!

Cessar-fogo é assinado, mas tratado de paz está longe de acontecer.

Liberta retira suas tropas das proximidades da capital novasiana.

Liberta assina novo acordo comercial com a Rússia.

Novásia aceita pacote de ajuda para reconstrução oferecida pelos EUA.

Guerrilheiros consideram o cessar-fogo uma traição e prometem continuar a lutar.

Saldo da guerra: milhares de mortos e nenhuma fronteira alterada.

SINOPSE

A peça "Ad Victoriam" instiga a reflexão sobre tempos de conflitos em que pontos de vistas se chocam e trazem as marcas do passado influenciando o presente. Os personagens principais Jonas e Danilo, pai e filho, se confrontam em uma dramaturgia distópica que discute o mundo contemporâneo e questiona o futuro.

O AUTOR

Fernando Loch é ator, dramaturgo e geógrafo. É mestre em Geografia (UFPR) e procura trazer suas inquietações geopolíticas para dentro de seus textos.

[DRAMATURGIA]

ISBN: 978-65-86198-47-8

